



A recepção da Rádio Favela pela Internet¹

Ismar Capistrano Costa Filho²

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará
Faculdade 7 de Setembro (Fa7), Fortaleza, Ceará

RESUMO

Esta pesquisa investiga a recepção de ouvintes da Rádio Favela FM pela Internet. Enquadra-se na linha de pesquisa do uso social da mídia. Para compreender a produção dessa emissora e o uso de seus ouvintes pela rede, trabalha-se com a idéia da invenção e da subversão das culturas populares. A fim de localizar o universo cultural desses ouvintes, investiga-se os usos, reapropriações, reações e *habitus*.

Palavras-chaves: Culturas populares, rádio, Internet e recepção.

1. Pressupostos teóricos

O estudo da recepção da Rádio Favela na Internet insere-se na linha de pesquisa, denominada pela comunicóloga brasileira Itânia Gomes (2005), de uso social da mídia liderada pelo filósofo espanhol Jesus Martín-Barbero. A comunicação é, nesta abordagem, concebida a partir do contexto sócio-cultural dos receptores.

Para compreender a recepção, segundo Martín-Barbero (1998), é necessário entender o universo cultural onde habita o receptor. Quais os espaços em que transitam as mídias e as mensagens? Esses lugares são denominados de cultura popular que possui três peculiaridades: a subversão, a invenção do cotidiano e a reprodução. A primeira se caracteriza, segundo Hall (2003) pela resistência, luta e negociação. Para compreendê-la, é necessário entender as relações de força entre dominantes e dominados, conforme o pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci. “O popular não se define por sua origem ou tradições, sim por sua posição, a que constrói frente ao hegemônico” (GRASMCÍ apud CANCLINI, 2005, p. 5). A ação hegemônica é entendida

(...) não apenas o aspecto político, mas também o caráter formativo da cultura. (...) A idéia hegemônica permite vislumbrar a coexistência de outras determinações como a cultura, a produção da fantasia, a arte, a religião, a filosofia e a ciência que se articulam junto à política e à economia para a produção de um pensamento determinante e dominante (PAIVA, 2007, p. 138-139).

Nesta perspectiva, a dominação pressupõe disputas, negociações e cumplicidade entre as diferentes forças políticas que tencionam as decisões. Da mesma forma que há os dominadores, existem os dominados com seus modos próprios de sociabilidade que

¹ Trabalho apresentado no NP Rádio do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor de ensino superior, email: ismarcapistrano@yahoo.com.br.



não são mera reprodução do poder hegemônico. “A hegemonia não se dá só pela força, mas pela apropriação de sentido” (MARTÍN-BARBERO, 1998). Neste campo de batalha, a cultura é uma importante arena onde os significados para as disputas são gestados. O popular se caracteriza assim como modelos de comportamentos contra-hegemônicos, que diferem dos padrões predominantes nas indústrias culturais.

Já para Martín-Barbero (1998), o cotidiano é uma das principais características do popular, pois é onde existe espaço para uma criação muda e coletiva. Através de um mínimo de liberdade inventiva, diferentes formas de significar a realidade são gestadas. De acordo com o historiador francês Michel de Certeau (1994), as artes do fazer prático do dia-a-dia não obedecem a regras, mas conseguem responder aos desafios mais imediatos. Seus sinais diacríticos, que a diferenciam da industrial, são as bricolagens, gambiarras, astúcias, invenções, readaptações, táticas e redesenhos criados por aqueles que não têm as condições materiais satisfatórias, mas dão seu “jeito” para conviver com as situações desfavoráveis. O popular é assim espaço das táticas e da diversidade. São os remendos improvisados do dia-a-dia necessários para o agir prático.

Diferente de Certeau, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1991) compreende o cotidiano como o lugar da reprodução social. Segundo a comunicóloga brasileira Nilda Jacks, a sociologia da reprodução do autor francês faz uma “(...) reflexão sobre a produção social de sentido” (JACKS in OROZCO, 2002, p. 26), realizando uma relação entre os campos de produção e práticas cotidianas. “As práticas dependem dos diferentes modos de aquisição que expressa relações objetivas” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 247). Através do conceito de *habitus*, Bourdieu demonstra o poder das representações sociais, forma como a sociedade, grupos e indivíduos pensam de si mesmo e dos outros. Os princípios de distinção e modos de reconhecimento socialmente construídos articulam as idéias e as práticas.

O *habitus* é o elemento que articula ‘os sistemas simbólicos como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural)’ e as estruturas estruturantes, ou seja, a ‘concordância das subjetividades estruturantes. (JUNQUEIRA, 2004, p. 7).

No *habitus*, refletem-se os contornos do sujeito na estrutura social (estruturas estruturadas) e a lógica pré-estabelecida do mundo (estruturas estruturantes). Essa categoria se constitui um “sistema de disposições duráveis que servem como matrizes de percepções apreciações e de ações que se torna possível para o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas” (MARTÍN-BARBERO, 1998, 249).



2 Trajetória social da Rádio Favela

A partir dessas três peculiaridades, analisa-se os territórios da recepção da Rádio Favela pela Internet. Essa emissora teve origem no final da década de 70, quando jovens da Vila Nossa Senhora de Fátima, da região Aglomerado da Serra, com cerca de 160 mil habitantes, em 2007, em Belo Horizonte, reapropriavam-se dos movimentos culturais estados-unidenses contra a discriminação racial. Com o estímulo da paróquia local e da associação de moradores, um grupo, formado inicialmente por 50 jovens, abraçaram então o sonho de colocar uma rádio na favela. Sua missão era ambiciosa: organizar uma cultura de resistência contra as drogas para barrar o avanço do tráfico e retirar a juventude da marginalidade.

Tudo começou com um transmissor caseiro movido à bateria de carro e um toca disco a pilha num cômodo de um barraco de terra batida sem eletricidade. Às 19 horas de 19 de novembro de 1981, entrava no ar Rádio Favela FM. A emissora logo ganhou notoriedade não só no morro, mas em toda a cidade por dois motivos. Primeiro, ocupava um horário privilegiado. Enquanto todas as rádios eram obrigadas, por lei, a transmitir o programa do Governo Federal “A Voz do Brasil”, a Favela FM aproveitava-se dessa brecha para emitir sua programação diferenciada. Ao invés de locutores padronizados, conteúdo politicamente favorável às elites e uma plástica pasteurizada, os apresentadores realizavam uma extensão da conversa do povo na rua. Isso aproxima a emissora do universo cultural dos ouvintes.

Não custou muito para esse redesenho do rádio, com linguagem diferenciada do padrão comercial, tecnologia improvisada e sem reconhecimento legal, realizar o inesperado: atender à necessidade de comunicação dos moradores da região. Mesmo sem telefone para receber ligação dos ouvintes, e-mail ou recepção para atendimento aos visitantes e ainda com horário reduzido à noite e aos finais de semana, o espírito comunitário da Rádio Favela criou uma rede de informação e solidariedade que, conforme “(...) a voz corrente, resolve em menos de três horas qualquer pendenga de perdidos ou achados” (MESQUITA; CALIARI, 2001) sendo, por isso, considerada por seus locutores como a Internet dos favelados.

Todavia, a reação dos grupos hegemônicos também não custou a chegar. A então Delegacia do Ministério das Comunicações (Dentel), a Polícia Federal e até as polícias Civil e Militar deflagraram uma cruzada contra a emissora durante as décadas de 80 e 90. Misael conta que a Polícia chegava com violência, espancando moradores e locutores, prendendo as lideranças comunitárias, destruindo equipamentos e carregando



os aparelhos (MORAIS, 2003). Até hoje ele ainda guarda marcas dessa truculência nas cicatrizes em seu corpo. As táticas de resistências contavam com o silêncio dos vizinhos, a criação de obstáculos para ação dos policiais e a mudança constante de sede. Somente em 1995, a diretoria da emissora resolveu parar de fugir e ter sede fixa.

A legalização só foi conquistada, em 2000, com a concessão de rádio educativa à Associação Cultural de Comunicação Comunitária Favela FM. Segundo Misael, “isso não mudou em nada o nosso jeito de ser. Continuamos uma rádio pirata. (...) Não aceitamos dinheiro de grupos políticos nem de grupos comerciais” (MORAIS, 2003). A emissora se caracteriza então como uma educativa com trajetória comunitária.

A conquista de espaço nas ondas *hertzianas* foi acompanhada de aprendizagens e descobertas. Uma dessas foi a Rede Mundial de Computadores. Incentivados e apoiados pela Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), a turma da Rádio Favela construiu, em 1995, seu site na Internet, constituindo-se numa Rádio Comunitária Off-line, pois não transmitia seu som (BUFARAH JUNIOR, 2003; TRIGO-DE-SOUZA, 2003). A primeira versão, ainda quando a Internet era restrita no Brasil a poucos privilegiados, trazia a história da emissora, sua localização e os contatos. A liberdade criativa da grande rede (CASTELLS, 2003) impulsionou essa iniciativa. O diretor da emissora, Nerimar, explica: “Pensamos o site como um meio de imortalizar a Rádio Favela” (Nerimar Teixeira, 2007). Já seu outro diretor, Misael dos Santos, acredita que a rádio não podia ficar fora das mudanças vividas no mundo, sob pena de condenar, ainda mais, a favela à exclusão social. Através da web, os contatos e as trocas de experiências dos movimentos sociais são potencializadas (DOWNING, 2002; CASTELLS, 1999).

Por isso, em 1997, aconteceu a primeira reformulação de seu site para denunciar ao mundo os “pulos” (*blitzs* policiais) contra a emissora. A terceira reformulação do site aconteceu com a colaboração de um ouvinte, Flávio Junior. Em 2001, ele ampliou o leque de informações em suas páginas. O site da Favela FM apresentava notícias (versão escrita das veiculadas no ar) muitas desatualizadas, história da emissora, as ações em que a rádio está engajada, os atos de repressão contra a esta, os prêmios recebidos, a programação, os apoiadores comerciais e o contato por e-mail. A organização da página não seguia os padrões de divisão dos sites. Faltava fluxo de navegabilidade. Os links não estavam dispostos de maneira clara e redundante e, nem sempre, levam ao caminho por estes anunciados. O design da página era carregado. O fundo preto e a falta de contrastes suaves contribuíam para uma visualização diferente



da leitura comumente realizada nas páginas da Rede. Essa programação visual demonstra que a apropriação pelas classes populares desta mídia ocasiona seu redesenho. Este formato também revela a lógica de diversidade e bricolagem da invenção popular, como explica Certeau (1994). Todavia, essa versão trazia a outra inovação, a publicação do som da emissora em tempo real pela Internet. A rádio on-line (BUFARAH, 2003; TRIGO-DE-SOUZA, 2003) Favela FM surgia graças à convergência digital deste veículo com a Internet (CASTELLS, 2003; NOCI, 1997).

3 Ciberouvintes da Rádio Favela

Quem escuta uma rádio comunitária pela Internet? Como localizar esses ouvintes? Esse foi o primeiro desafio dessa pesquisa, por se tratar de pessoas em diferentes territórios e, provavelmente, fora da área de alcance de suas ondas *hertzianas*. Isto significa que não há uma limitação geográfica dos pesquisados, nem para encontrá-los, nem para analisá-los. Para superar esse desafio, o estudo foi direcionado para os possíveis ciberouvintes do site de relacionamentos Orkut e para os ouvintes adicionados nos contatos do serviço de comunicação instantânea da emissora.

No site de relacionamento com maior número de brasileiros, seis comunidades virtuais, formadas por admiradores da Rádio Favela, forneceram caminhos para encontrar os ouvintes da Internet. Para avaliar a viabilidade desta pesquisa, foi realizado um pré-teste, em agosto de 2006, com todos os membros das comunidades. Do total de 308 mensagens enviadas, nove foram respondidas com a afirmativa da escuta da Rádio Favela pela Internet. Esses internautas também forneceram seus dados. Dos ciberouvintes localizados, cinco aceitaram ser entrevistados através de comunicação instantânea mediada por computador.

Na tarde de 24 de agosto de 2007, a produção da Rádio Favela colaborou com esta pesquisa perguntando aos contatos on-line de seu serviço de mensagens instantâneas se escutam ou já escutaram a emissora pela Internet. Naquele horário, foram localizados mais cinco ciberouvintes. Através de contato por e-mail, eles autorizaram a entrevista por bate-papo na rede mundial.

A análise dos ouvintes foi organizada em quatro categorias. A primeira é o uso preferencial que significa a utilização pelos receptores da transmissão sonora pela web de uma forma como a proposta pelos emissores. Já a segunda é a reapropriação quando alguns elementos dos propósitos do emissor são aceitos, associados a outros usos não previstos. A reação é a utilização contrária as intenções do emissor quando o receptor



age de maneira adversa de como queriam que ele agisse. Essas categorias serão cruzadas com as características próprias dos ouvintes (estruturas estruturadas) com as peculiaridades de seu universo cultural (estruturas estruturantes) para assim compreender a mediação de seus *habitus* (BORDIEU, 1991).

3.1 Uso preferencial

A partir de sua trajetória, a Favela FM caracterizou-se como uma emissora comunitária, fundada por grupos subalternos, com uma postura de subversão e resistência contra o ordenamento legal que restringe o direito de radiodifusão (DOWNING, 2002; HALL, 2003; PERUZZO, 2004; PAIVA, 2007, OLIVEIRA, 2007). Mesmo depois de conquistar sua autorização para funcionamento, persiste essa imagem de uma emissora crítica e modelo para os movimentos sociais conquistarem espaços comunicativos. Por isso, o receptor que escuta a emissora com essa mesma intenção faz um uso preferencial.

A partir das entrevistas, foi possível perceber três receptores que coincidem com esse perfil: o professor paulistano Francisco Pereira, conhecido como Chico Lobo, a funcionária pública, também paulistana, Eliana Alves, e a produtora cultural campinense Sigrid Gabriel. O primeiro conheceu a Rádio Favela em 1992 quando foi convidado pelo ex-vereador Gonçalo de Abreu para apresentar a tecnologia de transmissão em Frequência Modulada aos atuais organizadores da emissora. Depois desse contato, Chico Lobo passou a acompanhar a história de lutas e resistências da Rádio. De 2001 a 2004, ele sempre escutou a emissora pela Internet. Para ele, a transmissão do som da Favela FM pela web é uma “oportunidade de outras comunidades (...) a se servir desse modelo de comunicação para vencer suas dificuldades sócio-culturais” dado que “a RFav não se vende ideologicamente aos interesses de seus patrocinadores, ela segue (...) sempre voltada aos interesses sócio-culturais da sua comunidade. Esse é o grande diferencial.” (Chico Lobo, 2007).

Eliana Alves é outra ciberouvinte que faz esse uso preferencial da Rádio Favela. Ela foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias em São Paulo (Abraço-SP) e militou na emissora comunitária paulistana NDA (Nenhuma das Alternativas) em 1995. Neste período, participou de uma palestra dos organizadores da Rádio Favela que apresentaram a experiência deles. Desde então, também passou a escutar a emissora mineira pela Internet, como um referencial para sua militância pela democratização da comunicação. Ela considera a Favela FM um exemplo de “insistência, resistência e coragem do povo brasileiro” (Eliana Alves, 2007).



Já para a produtora cultural Sigrid Gabriel, a Favela FM “representa cidadania, caráter e solidariedade (...), mas é tão boa que se alastrou pelo mundo” (Sigrid Gabriel, 2007). Funcionária da Secretaria de Cultura de Campinas há quase 20 anos, ela se formou recentemente em Rádio, Tv e Multimídia. Através do curso e do filme “Uma Onda no Ar”, conheceu a emissora. Passou a escutá-la também pela web, por sua programação jornalística e musical (rap e funk).

Ouvir a Rádio Favela pela Internet representa, para esses entrevistados, a busca por uma alternativa de comunicação que rompa com as relações hegemônicas de poder das mídias. Para eles, a emissora, mesmo que distante, possibilita troca de mensagens com grupos engajados na construção de uma sociedade mais justa. A Internet fortalece esses laços de solidariedade entre os grupos desfavorecidos (CASTELLS, 1999; DOWNING, 2002), ampliando o raio de influência da Favela FM e fortalecendo sua atuação. Esses ciberouvintes também demonstraram um forte sentimento de pertencimento com a Rádio Favela, apresentando em suas entrevistas uma clara defesa da emissora.

Pode-se perceber que os ouvintes que compartilham o uso preferencial da Favela FM pela Internet têm outras três características em comum, além de estarem localizados fora do espectro *hertziano* da emissora e a considerarem uma rádio subversiva. Tanto Eliane, como Sigrid e Chico Lobo possuem formação de nível superior. A primeira concluiu Administração; a segunda, Comunicação Social; o terceiro, Pedagogia. Apesar de a educação não resumir-se ao ensino formal, essa peculiaridade os coloca num *habitus* específico de intelectuais das áreas de humanidades com uma tendência de possuir um senso crítico e uma postura questionadora da realidade, a partir de uma formação em áreas como Sociologia, Ciências Políticas e Filosofia. Essas disciplinas geralmente apresentam reflexões críticas de autores, como a leitura crítica do marxismo. Desta maneira, os ciberouvintes que fazem o uso preferencial são partícipes de um universo cultural com visão que rompe com atitudes de resignação e acomodação diante de situações de dominação, exploração e injustiça. Uma destes contextos observados por esses pesquisados é exatamente a formação de oligopólios de comunicação, excluindo diversos sujeitos sociais da visibilidade midiática. A Rádio Favela torna-se, para eles, uma ruptura a essa situação dominadora e injusta aproximando-se, por isso, de seu universo cultural.

Esses três ciberouvintes também trazem outra característica em comum: possuem mais de 40 anos. Isso significa que tiveram parte de sua formação (principalmente entre as décadas de 70 e 80) no contexto sócio-político da Guerra Fria,



quando o mundo se encontrava dividido entre países capitalistas, com economia de mercado baseada na livre iniciativa, e países comunistas, com controle econômico pelo Estado para uma suposta distribuição igualitária de renda. No Brasil, os movimentos de esquerda propunham, nesta época, uma transformação social com a entrada do país no bloco comunista a fim de superar as desigualdades econômicas. Essa experiência reforça idéias de construção de um “mundo novo” e de “uma nova sociedade” pelos oprimidos. A Rádio Favela representa assim uma referência a essas utopias.

Por estarem empregados em áreas que exigem o nível superior, esses ciberouvintes enquadram-se num grupo que tem poder de consumo de bens eletroeletrônicos, como computador conectado à Internet em banda larga. Isso os possibilita ouvir a Favela FM pela Internet em suas residências. Mas se por um lado possuem essa comodidade, por outro, demonstram ter pouco tempo para navegar na rede, dado principalmente à ocupação no trabalho. Mesmo Chico Lobo, que afirmou escutar cerca de 14 horas por dia de rádio na Internet, remarcou três vezes a entrevista com essa pesquisa por causa de compromissos profissionais como locutor de solenidades. Já Sigrid demonstrou pressa na entrevista por estar atarefada na promoção de eventos culturais. Apesar de Eliane não explicar o motivo, também expressou ter pouco tempo para o bate-papo. Logo após a entrevista, todos se desligaram do serviço de mensagem instantânea em, no máximo, 15 minutos, reforçando a idéia de uma precariedade de tempo livre para navegação.

3.2 Reapropriações

Os receptores também podem reapropriar-se da emissão Favela FM para atender outras necessidades comunicativas e, ao mesmo tempo, ter uma representação da rádio como uma emissora subversiva. Há, nesse caso, uma resignificação do sentido preferencial do emissor, associando-se a outras motivações pessoais ou sociais.

Esse é o caso do mineiro Vitor Matina, que mora desde novembro de 2006 em Londres, na Inglaterra, onde estuda inglês e trabalha como analista de sistema. Apesar de sempre ter residido em Belo Horizonte, conhece a história da Rádio Favela, principalmente, pelo filme “Uma Onda no Ar”. Considera a emissora “uma ong que teve uma iniciativa de uma pessoa batalhadora que conseguiu fazer virar este projeto em uma potência” (Vitor Matina, 2007). A Favela FM representa, para ele, uma ruptura ao modelo comercial de rádios concentradas nas mãos de grupos políticos e econômicos.

Todavia, não foi isso que o motivou a escutar a Rádio Favela pela Internet. Quando se mudou para Londres, seu pai, Adelcio Matina, apresentava um programa na



emissora. Ele também é amigo de Misael Filho, locutor do “Som Rap”. Vitor ouvia assim a Favela FM para imaginariamente diminuir a distância de seu país de origem e aproximar-se de seus parentes e colegas distantes. “Serve para matar a saudade” (Vitor Matina, 2007). Apesar de saber que essa escuta é prejudicial para seus estudos de inglês, ele continua ouvindo rádios na Internet para sentir-se um pouco em Belo Horizonte, mantendo laços com sua cidade natal. “Todos os domingos (ouço a Rádio) Itatiaia, porque torço para o Cruzeiro ai sempre escuto os jogos” (Vitor Matina, 2007).

Vitor se aproveita de dois principais recursos do rádio: a criação de imagens acústicas (McLEISH, 1996; ORTRAWIANO, 1985) e o diálogo mental (PRADO, 1989). Quando ouve uma emissora de Belo Horizonte pela Internet, imagina os cenários, as pessoas e os acontecimentos de sua terra, como se estivesse “vendo à distância” um lugar onde não se encontra no momento. O bate papo imaginário, entre locutor e ouvintes, cria um diálogo mental que provoca uma idéia de companhia.

Já o professor universitário aposentado Jéferson Soares, morador do bairro Gutierrez, em Belo Horizonte, escuta a Rádio Favela pela Internet, enquanto navega na Grande Rede, principalmente porque seu aparelho de rádio “não é dos melhores (e) está falhando” (Jéferson Soares, 2007). O que mais admira na emissora é a simplicidade de seus locutores que não seguem um padrão de “vozes empostadas” e seu jornalismo. “A Favela (...) dá a noticia, sem conotações adversas ou favoráveis a quem quer que seja” (Jéferson Soares, 2007).

Dois outros ciberouvintes realizam negociações semelhantes. Os universitários Wesley Coelho (cursando Direito) e Bruno Araújo (cursando Informática), moradores de Belo Horizonte, consideram a Favela FM como uma emissora que subverteu a ordem do monopólio de radiodifusão dos grupos privilegiados. A rádio “(...) começou do nada e hoje é um fenômeno no país” (Bruno Araújo, 2007). Ambos já conheciam a emissora, desde a década de 90, mas Bruno revela que passou a escutá-la mais quando assistiu o filme “Uma Onda no Ar”.

Esses ouvintes, entretanto, não escutam a Favela FM pela Internet, porque estão fora do espectro de transmissão das ondas *hertziana*. Pelo contrário, moram em locais de fácil sintonia da rádio. Escutam pela Grande Rede, porque estão no computador navegando, fazendo pesquisas, lendo notícias, preparando trabalhos acadêmicos e conversando com os amigos. Acessar o som da Favela FM pela Internet é mais prático e cômodo do que conseguir e ligar um outro aparelho. Bruno, por exemplo, revela que não tem rádio. Já Wesley só escuta pelo aparelho radiofônico quando está longe do



computador. Ambos também preferem o programa “Uai Rap Soul”, que toca músicas, geralmente, críticas e não veiculadas nas emissoras comerciais.

Essa possibilidade de escutar a programação enquanto faz outra atividade é a característica da simultaneidade do rádio (ORTRAWIANO, 1985; McLEISH, 1996). O meio, como ocupa apenas o sentido da audição, possibilita aos ouvintes simultaneamente praticarem outras tarefas. O rádio, muitas vezes, torna-se um pano de fundo para quando se trabalha, estuda ou se diverte. Mesmo sendo um B.G. (*back ground*, isto é, fundo musical), a Favela FM continua para esses ouvintes representando uma emissora subversiva e crítica.

Essa característica que impulsionou a publicação da Rádio Favela continua presente nesses ouvintes. Todavia, eles também fazem outros usos diferenciados de seu som na web. Enquanto Vitor ouve para diminuir à distância de sua terra natal e de seus parentes, Bruno, Jéferson e Wesley escutam no computador, porque não utilizam aparelho radiofônico e simultaneamente navegarem na rede. Há uma reapropriação dos objetivos do emissor e as necessidades do receptor que ativamente reconstrói o significado dessa mediação comunicativa. Para nenhum desses ciberouvintes, a Rádio Favela representa, prioritariamente, um modelo de rádio comunitária.

Esse uso social da mídia demonstra como a cultura popular realiza gambiarras, nos termos de Certeau (1994). A paradoxal falta de condições objetivas dos receptores (não possuem um aparelho radiofônico que sintonizem a emissora, mas têm uma tecnologia mais cara e sofisticada, computador conectado à Internet) os obriga a ouvir a Rádio Favela pela web, mesmo estando no espectro de suas tão disputadas ondas *hertzianas*. A acomodação a essa situação possibilita um novo uso do som emitido pela rede mundial de computadores: servir de pano de fundo da navegação.

Nesse grupo de ciberouvintes que se reapropriam do uso da Rádio Favela na Internet, percebe-se que dois deles, Vitor e Bruno, apesar de já conhecerem a emissora desde a década de 90, acentuaram sua identidade com veículo através do filme “Uma Onda no Ar”. O longa reforça não só a idéia subversiva da emissora como cria sentimentos de pertencimento dos espectadores aos “heróis” da Favela FM, que desafiaram o poder constituído para manter-se no ar. A emissora não representa uma referência no movimento das rádios comunitários (sentido contrário ao compartilhado por Eliane e Chico Lobo), mas tão só a história de favelados que conseguiram “vencer na vida” subvertendo uma ordem social. Para eles, não é a organização comunitária que possibilita essa vitória, mas a iniciativa pessoal de seus líderes.



Além dessa mediação pelo filme, Vitor e Bruno têm mais duas características em comum. Ambos são graduados e trabalham na área de Informática. Esse campo do conhecimento não possui as mesmas bases de reflexão crítica e postura questionadora que geralmente caracteriza as formações humanísticas. Há, desta forma, uma identidade não somente com o caráter contestatário da emissora, mas também com sua ascensão social: “começara do nada e hoje é um fenômeno no país” (ARAÚJO, 2007). Outra característica em comum deles é a faixa etária inferior a 30 anos, o que os coloca no universo cultural de jovens que vivem sua formação num período histórico (década de 90) pós Guerra Fria. Por isso, a representação principal da emissora para esses ouvintes não é a inversão de valores, todavia a ascensão social subversiva da infrapolítica (DOWNING, 2002), sem seguir os padrões da ordem estabelecida.

Por outro lado, Jéferson e Wesley consideram a emissora um agente de conscientização e mudança social. Através da Rádio Favela, os ouvintes podem construir uma postura crítica e questionadora da realidade que, segundo ambos, é manipulada pela grande mídia. A emissora não representa tão somente uma referência ao movimento de resistência das rádios comunitárias, mas sobretudo uma alternativa aos oligopólios da mídia. Possibilita uma leitura crítica do contexto social, político, econômico e cultural. As escutas desses ciberouvintes estão muito próximas do uso preferencial, distinguindo-se porque, onde estão, é possível sintonizar a Favela FM.

Ambos compartilham o universo cultural de formação superior na área das humanidades, mesmo com idades diferentes. Enquanto Jéferson, 53 anos, é graduado em Administração de Empresas, pós-graduado em Marketing e ex-professor universitário da Faculdade Católica da Bahia; Wesley, 24 anos, é estudante de Direito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Belo Horizonte. Essa formação possibilita uma tendência mais acentuada a uma reflexão crítica. Por isso, há uma projeção à emissora desse papel de leitura crítica da realidade criando laços de pertencimentos, apresentados no próprio discurso de defesa da Rádio Favela em suas entrevistas.

3.3 Reações

Há também ciberouvintes que desconhecem o papel subversivo, alternativo e comunitário da Rádio Favela. Na pesquisa, foram localizados dois: Tereza Regina e Elbert Vinícius. A primeira é técnica em hotelaria, moradora do bairro Palmares, em Belo Horizonte. Ela ouve a emissora pela web, porque a sintonia falha em sua residência e é mais prático quando está navegando na Internet de “bobeira”. O que gosta



e admira na Favela FM é a variedade de sua programação. “Tem muitas variedades de músicas atendendo a vários públicos” (Tereza Regina, 2007).

Já Elbert Vinícius é estudante de Ciências da Computação e funcionário do departamento pessoal de uma empresa de engenharia civil. Ele conheceu a Favela FM quando procurava pelo dial uma programação que o agradasse. “Eu estava procurando música. E parei em uma frequência que estava tocando umas músicas legais” (Elbert Vinícius, 2007). Gosta, desde então, da diversidade musical da Rádio. “É que a rádio tem uma programação diversificada. Rola de tudo e de todos os gostos de idade. Ao mesmo tempo que passa um bolero, já passa um rap dos Racionais. Ela não se prende em um só estilo, por isso gosto da rádio” (Elbert Vinícius, 2007). Outra característica que ele admira na Favela é a facilidade de sua linguagem. “As mensagens que ela passa são bem claras” (Elbert Vinícius, 2007). Ele escuta a emissora pela Internet enquanto trabalha conectado na rede por cerca de 5 horas de segunda a sexta. Além da Favela FM, também escuta a Multishow FM, a Oi FM e uma rádio de estilo trance que não recorda o nome.

Esse uso dos ciberouvintes Vinícius e Regina, que se desviam adversamente do propósito inicial do emissor, demonstra como a cultura popular não se restringe apenas a seu aspecto subversivo. A diversidade, a simplicidade e a eficiência da invenção do cotidiano também caracterizam a emissora (CERTEAU, 1994). A pluralidade musical demonstra como o popular, quando ocupa espaços hegemônicos do industrial, utiliza táticas de criações que fogem do padrão homogenizador deste último. Neste caso, essas táticas se caracterizam pela promoção da convivência com a diversidade.

A escolha das músicas também demonstra uma subversão ao agendamento das listas musicais sugeridas por gravadoras às emissoras. Desta maneira, mesmo quando não está sendo escutada intencionalmente como uma rádio com um posicionamento crítico, mas por sua diversidade musical, contribui-se também com uma ruptura que inverte os valores da indústria fonográfica.

Ambos ciberouvintes possuem duas características em comum: formação em áreas tecnológicas e idade inferior a 30 anos. A primeira qualidade os distancia, marcada pela crítica como principal forma de compreender a realidade. Ao invés de tentar compreender o mundo por meio de disciplinas como Sociologia, Filosofia e Ciências Políticas, os cursos tecnológicos priorizam a operacionalização de determinados processos de produção. Aliado a essa característica, a formação educacional posterior à década de 80, afasta-os também de preocupações recorrentes na



Guerra Fria, como libertação dos oprimidos, dominação, comunismo e socialismo.

Assim, não é a ruptura ao oligopólio de comunicação, a referência para o movimento das rádios comunitárias nem a leitura crítica da realidade que direciona sua escuta sonora pela Internet. É tão só a música e a informalidade dos locutores que os motiva para essa recepção. Esse primeiro recurso radiofônico é considerado, por Adorno e Horkheimer (1985), como um processo de cartase que promove a fuga da realidade. Então, ao invés de buscar uma proximidade da conjuntura política e econômica, como fazem todos ciberouvintes anteriores (exceto Vitor), Tereza e Elbert buscam distanciar-se desse mundo conflituoso, tentando esquecer os problemas nos ritmos diversos tocados pela Rádio Favela.

No entanto, isso não significa uma posição de completa alienação, como pregam os filósofos frankfurtianos. Mesmo buscando uma rádio tão somente para a fuga da realidade, esses ciberouvintes estão, através da Favela FM, rompendo com a segmentação musical e com o agendamento das gravadoras por procurem diversos ritmos e músicas diferentes da programação das rádios comerciais. Compreende-se que nem toda postura desmobilizada é de completa adesão ao poder hegemônico.

Por que esses ciberouvintes que escutam a mesma Rádio e os mesmos programas não estão atentos às mensagens críticas da emissora como os demais pesquisados? Como são possíveis recepções tão diferentes? Essa contraditória situação comprova que não são as mensagens produzidas pelos emissores que determinam o processo comunicativo. As articulações entre instituições, emissores, mensagens, receptores e seu universo cultural moldam a comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1998), podendo não só criar uma compreensão diferente para as mensagens, mas um significado adverso da própria mídia para os diversos receptores. O contexto sócio-cultural tenciona a percepção seletiva. Moldado por seu universo cultural, o receptor, que também é sujeito ativo na construção de sua cultura, atenta para determinados significados da mídia, opõe-se a outras ou ainda simplesmente despreza algumas, como fazem Elbert e Tereza, com as críticas sociais veiculadas na Favela FM. Por não pertencer a preocupações e prioridades de seu ambiente social, essas mensagens passam despercebidas. Desta maneira, observa-se que as mediações entre ambientes sócio-culturais, linguagem e realidade são onde se inserem as práticas comunicacionais.

4 Considerações finais

Os ciberouvintes da Rádio Favela pesquisados demonstram construir diferentes



laços de pertencimento à emissora. Alguns compartilhavam trajetórias, outros valores e alguns outros tão somente gostos musicais. Eles se utilizam do som da Rádio Favela para recordar sua distante cidade natal, para apoiar os movimentos sociais, para servir de pano de fundo de suas atividades, para ouvir críticas sociais ou para curtir uma música diferente. Ainda, ironicamente, quatro dos oito pesquisados escutam a emissora pela Internet em locais cobertos pelas tão cobiçadas ondas radiofônicas. Essas revelações da pesquisa confirmam o quanto os receptores são ativos no processo comunicativo, quase sempre, até frustrando as intenções dos emissores.

Muito além de uma interpretação individual, essa recepção revela o universo cultural dos ciberouvintes. A partir de um determinado *habitus* que conjuga estruturas estruturantes com estruturas estruturadas, os ciberouvintes moldam os significados da mídia. Experiências, formação educacional, condições sócio-econômicas, idade e gênero são variáveis que mediam a representação da Rádio Favela na vida de quem a escuta pela Internet. O estudo da recepção apresenta a vida dos ouvintes não apenas individual, mas social.

A relação entre as tecnologias de comunicação radiofônica e em rede, os movimentos sociais e os receptores desta pesquisa mostra como a invenção do popular que, muitas vezes, desobedece a regras e padrões industriais possibilitam uma relação de proximidade, identidade e diálogo entre emissores e receptores. A linguagem coloquial, a ruptura com o agendamento musical das gravadoras, a não segmentação, o improviso e a informalidade são características da emissora que criam um sentimento de pertencimento para os ouvintes, condição necessária para a formação de comunidades.

Desta maneira, comunicação passa a ser compreendida como um processo que envolve diversas relações entre emissores e instituições, emissores e mensagens, mensagens e receptores, emissores e receptores, receptores e universo cultural, universo cultural e culturas populares, culturas populares e culturas industriais. Essas mediações constroem não somente as mídias e a comunicação como a própria cultura, campo que abriga essas práticas. Compreende-se, então, que a cultura, como conjunto de signos socialmente gestados e controladores dos comportamentos, tem a comunicação como uma intervenção fundamental para a construção desses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985.
- BUFARAH JUNIOR, Álvaro. **Rádio na Internet: Convergência de possibilidades**. In Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Intercom, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinción: critério y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus Humanidades, 1991.
- CASTELLS, Manoel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DOWNING, JOHN D. H. **Mídia Radical**. São Paulo: Ed. Senac, 2002.
- GOMES, Itânia. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JACKS, Nilda; FRANKE, Filipe. **Recepção radiofônica: análise da produção acadêmica na década de 90**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. 29, N. 1, São Paulo: Intercom, 2006.
- JUNQUEIRA, Lília. **Notas sobre a noção de representação social na sociologia contemporânea**. in Anais do XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Aracaju: CISO, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.
- _____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Exercícios de ver**. São Paulo: Senac, 2001.
- McLEISH, Robert. **Produção de Rádio – um guia abrangente na produção radiofônica**. São Paulo. Summus, 1996.
- MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio - textos e contextos**. Volume I. Florianópolis: Editora Insular, 2005.
- MESQUITA, Cláudia; CALIARI, Tânia. **Favela FM, Uma onda que vem do morro**. Rio de Janeiro: AMARC, 2002. Disponível em: < <http://ecologiadigital.net/amarc/favela.html>>. Acesso em: 13 de Junho de 2006.
- MORAIS, Rogério. **Rádio Favela – BH: livre e popular**. Belo Horizonte: Liga dos Camponeses Pobres, 1997. Disponível em <anovademocracia.com.br/index.php/Radio-Favela-%96-BH-livre-e-popular.php>. Acesso em 13 de Junho de 2006.
- OLIVEIRA, Catarina. **Escuta Sonora: Recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- OROZCO, Guillermo. **Recepción y mediaciones**. Buenos Aires: Norma, 2002.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus editorial, 1985.
- PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.
- PERUZZO, Cícilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, Vozes, 2004.
- _____. **Rádios comunitárias na Internet: apoderamento social das tecnologias**. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.
- PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo, Summus, 1989.
- SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.
- SIMÕES, Paula; FRANÇA, Vera. **A Produção discursiva da alteridade: um outro lugar de intervenção**. In: Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande: Intercom, 2001.
- TRIGO-DE-SOUZA, L. M. **Rádio.internet.br: o rádio que caiu na rede**. *Revista USP, 80 Anos de Rádio*, São Paulo: USP, 2003.
- VILLANUEVA, Erick R. **La microfísica de las prácticas cotidianas y la recepción de la comunicación masiva**. in Revista do Pensamento de Comunicação Latino Americano no. 2, São Paulo: Universidade Metodista, 2000.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes Ed., 2005.